

CORRENTE DE COMÉRCIO DO BRASIL: RUMOS E DESAFIOS

Marcelo Honório¹

Maria Piedade Araújo²

RESUMO: Este trabalho avaliou, com base no padrão de comércio externo brasileiro, as características do comércio externo do Brasil, identificando seus principais parceiros comerciais, quais os produtos comercializados com esses países e qual o comportamento do termo de troca dos produtos comercializados pelo Brasil. As análises foram feitas com base nos dados econômicos externos dos cinco principais países da corrente de comércio brasileira, com destaque para o período de 1999 a 2011. Utilizou-se as bases de dados do UN COMTRADE, o Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet - ALICE-web e Radar Comercial e do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Os resultados mostram que quase metade de toda a corrente de comércio do país é feita com os cinco principais países da balança comercial brasileira e, que somente os Estados Unidos e a China representam 28,38% de toda a corrente de comércio do Brasil. O índice de termo de troca cresceu acompanhando a evolução do índice de preço da exportação, que subiu por conta do aumento dos preços das *commodities*. A análise do termo de troca mostra a necessidade de uma política interna que dê suporte à inovação tecnológica e investimento produtivo na formação de capital humano que possibilite às empresas maior investimento em tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Comércio Internacional. Corrente de Comércio. Termos de Troca. *Commodities*.

CURRENT TRADE OF BRAZIL: DIRECTIONS AND CHALLENGES

ABSTRACT: This study evaluated, based on the pattern of Brazilian foreign trade, the characteristics of the foreign trade of Brazil, identifying its major trading partners, including products marketed with these countries and what is the behavior of the terms of trade of the products marketed by Brazil. The study was based on external economic data from the five top countries of Brazilian trade flow between the periods 1999 to 2011. We used the databases of the UN COMTRADE, System Analysis of Foreign Trade Information - ALICE-web and Commercial Radar and the Ministry of Development, Industry and Foreign Trade (MDIC). The results revealed that almost half of all the country's external trade is done with the top five countries of Brazil's trade balance, and that only the United States and China account for 28.38% of the entire trade chain in Brazil. The terms of trade index increased following the evolution of the export price index, which rose due to rising commodity prices. The analysis of the terms of trade shows the need for an internal policy that supports technological innovation and productive investment in human capital formation that allows companies greater investment in technology.

KEYWORDS: International Trade. Current of Trade. Terms of Exchange. *Commodities*.

1. INTRODUÇÃO

No início dos anos 80 era discutida no Brasil a necessidade da abertura econômica do país, uma vez que o processo de substituição de importação, um modelo voltado para o mercado doméstico, começava a ser questionado por ser contraposto ao modelo de promoção de exportações adotado por alguns países em desenvolvimento, que tinha por base a industrialização visando atender o mercado internacional. Ao longo dos anos, o Brasil, com o modelo de substituição de exportação, adotou políticas comerciais protecionistas, tendo em vista, além da promoção da industrialização interna, também a política de comércio exterior, fortemente voltada para obtenção de saldos positivos na balança comercial, por meio de contenção de importação e incentivos às exportações (GREMAUD, VASCONCELLOS e JÚNIOR, 2010).

A abertura começou no governo Sarney, em 1988, quando foram abolidos diversos regimes especiais de importação, reduzindo a redundância tarifária e unificando a incidência de imposto sobre a importação. No entanto, a abertura da economia brasileira só se intensificou a partir de 1990, com o governo Collor, que além de serem extintas muitas das barreiras comerciais não tarifárias, definiu um programa de diminuição gradual das tarifas sobre a importação (GREMAUD, VASCONCELLOS e JÚNIOR, 2010). Portanto, o mercado brasileiro ficou aberto para os produtos estrangeiros, permitindo acesso a bens de capital e a insumos tecnicamente mais avançados e a preços mais baixos, o que provocou mudanças na balança comercial nacional.

Nos anos de 1990, houve a implantação do Plano Real, o qual se baseou em uma âncora cambial, respaldado pela abertura comercial e financeira. Assim sendo, segundo Istake (2003), além desses fatores, a valorização cambial do real frente ao dólar, juntamente com a abertura econômica, explica o grande aumento das importações. A sobrevalorização do câmbio ocasionou uma tendência à especialização em *commodities* agrícola e *commodities* industriais.

As vantagens comparativas do país em produtos agrícolas e minerais e outros em que os insumos naturais têm grande peso exercem um papel primordial. Essas vantagens comparativas já existiam e foram aproveitadas ou desenvolvidas a partir de decisões de políticas públicas. Assim, resultados positivos decorreram de tais decisões, por exemplo, o desenvolvimento de novas técnicas de produção e a geração genética de novas variedades de plantas e animais. Marta e Freitas (2008) afirmam que esse processo permitiu além de solucionar gargalos do abastecimento alimentar doméstico, possibilitou a geração de superávits de produção que transformaram o agronegócio brasileiro em um dos mais dinâmicos setores da economia brasileira. E ainda, em decorrência do grande aumento do

preço destes produtos no mercado internacional, o Brasil vem exportando quantidades crescentes desses produtos.

Segundo Barral (2010), concomitantemente a tais alterações na composição das exportações brasileiras, se observou a mudança dos principais parceiros comerciais do Brasil, como a queda da participação dos Estados Unidos e o aumento da participação dos países em desenvolvimento, principalmente da Ásia. Os Estados Unidos ainda é um dos principais países na relação da corrente de comércio, mas nos últimos anos a China passou a ser o país com maior relação comercial com o Brasil.

Por outro lado, é importante analisar quais e que tipo de produtos estão sendo exportados e importados pelo país. Neves e Lélis (2007) apontaram uma maior relevância na pauta de exportações brasileiras para produtos cujo dinamismo é determinado pela relação entre oferta e demanda no mercado internacional, sem interferência direta do produtor local sobre os preços. Dessa maneira, a economia brasileira permanece dependente, no que tange à geração de saldos comerciais, de produtos com baixa e média-baixa intensidade tecnológica, enquanto o setor de alta tecnologia é um grande importador e maior gerador de déficits na balança comercial.

A análise da corrente de comércio do Brasil nos últimos anos trará à tona a problemática do rumo tomado pelo país e os desafios a serem enfrentados em relação ao crescimento econômico devido ao comércio internacional. Neste sentido, a literatura sobre a relação entre economias avançadas (Norte) e menos desenvolvidas (Sul) evoluiu para a formação de modelos de crescimento e determinação de termos de troca que levassem em consideração a existência de assimetria e dependência dos países menos desenvolvidos para com os países desenvolvidos. Prebisch (1949) refere-se aos termos de troca entre bens primários, produzidos pelas economias subdesenvolvidas, e bens manufaturados, provenientes de economias industrializadas. Isto é, a existência de diferenças estruturais entre estas economias produz um padrão de relação comercial assimétrico, dada por um padrão de especialização internacional que resulta na deterioração secular dos termos de troca da periferia.

Diante deste cenário, o principal objetivo deste trabalho foi avaliar o perfil do Brasil em termos de comércio mundial frente aos seus principais parceiros e também avaliar qual o perfil comercial dos principais parceiros do Brasil. Especificamente: avaliar a pauta dos principais produtos comercializados pelo Brasil com esses países; analisar o nível de importância dos principais produtos ou setores selecionados brasileiros para os maiores importadores; analisar a importância dos principais produtos e setores estrangeiros para

economia nacional e por fim, avaliar os termos de troca dos principais produtos da pauta de exportação brasileira.

Como as principais bases de dados utilizam a metodologia Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias, adotada pela quase totalidade dos países, a análise abarcou dados a partir de 1996, pois é neste período que os dados do comércio mundial, na composição dos códigos SH, estão disponíveis.

2. REFERENCIAL METODOLÓGICO

Inicialmente foi feito um levantamento do comércio brasileiro ao longo do tempo, com destaque para o período de 1999 a 2011 objetivando verificar o destino e a origem dos principais produtos comercializados. Ou seja, tanto a exportação quanto a importação. Feito este levantamento avaliou-se os dados estatísticos do comércio exterior dos principais países parceiros do Brasil. Desta maneira foi possível identificar a destinação dos produtos nacionais quando são exportados para outras nações.

Para verificar a pauta dos principais produtos comercializados entre o Brasil e esses países, primeiro foram selecionados os dez produtos mais exportados pelo país em 2011. Em seguida, pôde-se analisar em que tipo de produto está pautada a exportação brasileira e, com base na classificação do *Directorate for Science, Technology and Industry* da OECD¹, STAN Indicators (2003) se avaliou o nível tecnológico desses produtos e também se analisou seu comportamento de exportação.

Para analisar o nível de importância dos principais produtos ou setores selecionados brasileiros para os maiores importadores, foi avaliada a pauta de produtos comercializados entre o Brasil e seus principais parceiros comerciais, podendo-se assim identificar o peso dos produtos nacionais para a economia do comprador.

E finalmente, para avaliar a importância dos principais produtos e setores estrangeiros para economia nacional selecionou-se os dez produtos mais importados pelo país em 2011. Desta maneira, pôde-se analisar qual é o nível tecnológico dos produtos importados pelo país, e ainda, identificar o peso da importância desses produtos para a economia nacional e também avaliar o comportamento das importações desses produtos.

2.1 Base de dados

As bases de dados utilizadas foram a United Nations Commodity Trade Statistics Database – UN COMTRADE, disponibilizado pela divisão de estatísticas das Nações Unidas,

¹Fundada em 1960, a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) é uma organização de cooperação internacional composta por 34 países. Sua sede fica na cidade de Paris (França).

o Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet – ALICEweb e Radar Comercial; os dois pertencentes à Secretaria de Comércio Exterior- SECEX (BRASIL, 2012c), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (BRASIL, 2012a). Destas bases de dados foram extraídos os dados relativos ao comércio exterior nacional e dos países parceiros do Brasil no comércio internacional.

Os produtos estão classificados de acordo com o Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias, criado para promover o desenvolvimento do comércio internacional, metodologia adotada pela quase totalidade dos países. A composição dos códigos do SH, formado por seis dígitos, utilizada neste trabalho, permite que sejam atendidas as especificidades dos produtos, tais como origem, matéria constitutiva e aplicação, em um ordenamento numérico crescente e de acordo com o nível de sofisticação das mercadorias. O SH compreende 21 seções e 99 capítulos, sendo que os últimos três são para uso especial (BRASIL, 2007d).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de começar a análise propriamente dita, com base em evidência histórica e estatística, tem-se inicialmente uma primeira avaliação sobre a dinâmica do comércio e do crescimento no caso específico do Brasil, especialmente nos últimos vinte anos. Para tanto, são examinadas as características e contrastes internacionais do crescimento e do comércio exterior do Brasil. Posteriormente será atribuída a atenção aos aspectos da composição e à estrutura do comércio exterior, em particular as suas relações com os países selecionados.

3.1 Balança comercial e a corrente de comércio

Entre 1990 a 2003, mesmo com a abertura e flexibilização do mercado brasileiro feitos nos governos Sarney, Collor e Fernando Henrique, o crescimento do mercado externo brasileiro foi modesto; somente a partir de 2003 o modelo começou a mostrar desempenho semelhante ao que os seus defensores esperavam. Já na gestão do governo Lula, o comércio externo passou a crescer vigorosamente e o receio da crise cambial foi declinando, com acumulação de reserva e valorização do Real. O Crescimento do comércio externo brasileiro coincide com o mesmo período que o comércio mundial entrou em grande crescimento, com destaque para o grande crescimento dos déficits norte-americanos e o crescimento acelerado da economia chinesa.

O Gráfico 1 mostra que entre 1991 a 2011 as variações da corrente de comércio brasileira, de maneira geral, acompanham a evolução da corrente de comércio mundial. Isto

fica evidente em 2009 quando houve a queda do comércio exterior mundial, em função da crise internacional; a corrente de comércio brasileira diminuiu na mesma intensidade que o resto do mundo.

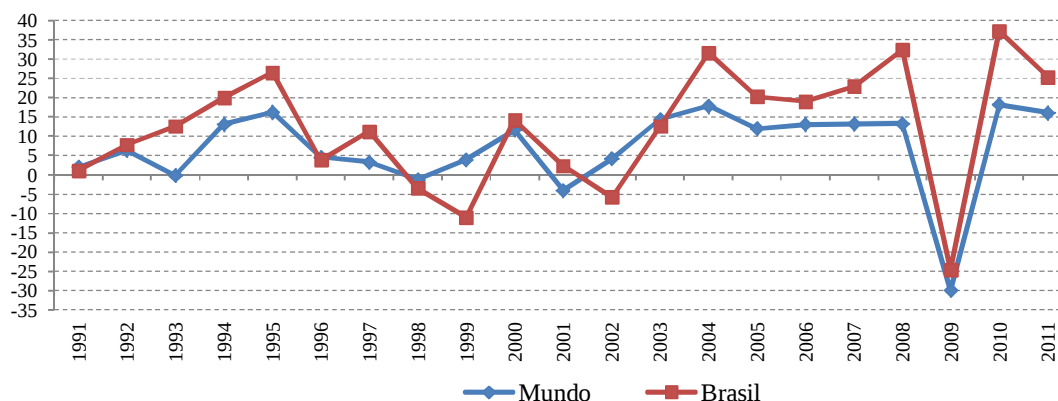


Gráfico 1 – Variações (%) da corrente de comércio do Brasil e do mundo (1991-2011).

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do MDIC (BRASIL, 2012a).

Em 2011, o comércio exterior brasileiro registrou corrente de comércio recorde de US\$482,3 bilhões, com o crescimento de 25,7% sobre 2010, quando atingiu US\$383,7 bilhões. Depois de 2009, quando houve uma considerável queda, o comércio externo brasileiro continuou a registrar valores recordes, com a taxa de crescimento maior que a taxa mundial.

Por meio do Gráfico 2 pode-se visualizar a corrente de comércio do Brasil, que é crescente desde 2003, com exceção da queda abrupta em 2009, mas volta a crescer substancialmente. Esta evolução da corrente de comércio tem sido positiva para o Brasil, pois como se pode observar, o saldo da balança comercial tem sido positivo desde o ano de 2001.

Em 2011, o Brasil passou do 25º maior exportador no mundo para 20º, um crescimento de 26,8%. No mesmo ano, a participação das exportações brasileiras nas exportações mundiais foi de 1,4%, um pouco maior que a participação alcançada em 2010 e 2009, de 1,25% e 1,33%, respectivamente. Portanto, mesmo com o crescimento elevado das exportações, principalmente depois de 2003, a participação brasileira no fluxo mundial de comércio não mostrou um crescimento significativo.

Do lado da importação, no ano de 2011 também foi registrado um recorde com o valor de US\$226,2 bilhões, impulsionada pela valorização do real frente ao dólar e a busca do mercado internacional por mercados emergentes, já que as economias desenvolvidas ainda sofriam com os reflexos da crise de 2008, com recessões e cortes de gastos. Em 2011 o Brasil ocupou o 21º lugar de maior importador no mundo.

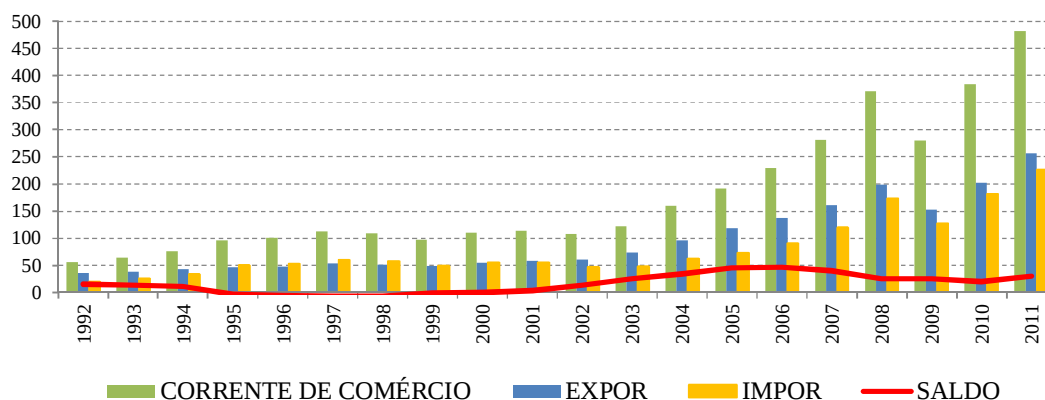


Gráfico 2 – Evolução da balança de comércio brasileira e da corrente de comércio - US\$ bilhões FOB.

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do MDIC (BRASIL, 2012a).

Como mostra o Gráfico 3, a participação comercial externa brasileira acompanha os momentos de crises e prosperidades mundial. As exportações brasileiras, mesmo com esse crescimento elevado, não aumentou significativamente sua participação no fluxo total de comércio. O fluxo comercial brasileiro, em 2011, chegou ao valor de aproximadamente 1,3% de todo o volume comercializado no mundo.

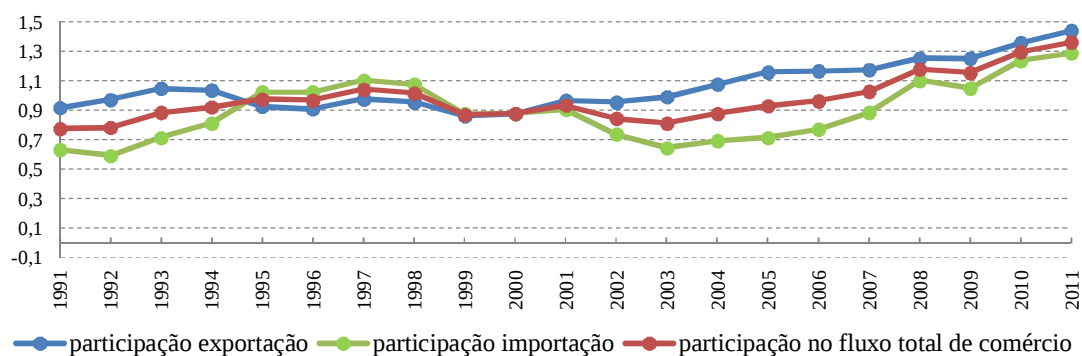


Gráfico 3 –Evolução da participação do comércio brasileiro no mundo (%)

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do MDIC (BRASIL, 2012a).

Historicamente o desempenho importador brasileiro guarda forte correlação com o exportador. Se de um lado as exportações permitem o financiamento das importações, do outro lado, são importantes fontes de bens intermediários e de bens de equipamento para o setor exportador. Nos anos recentes, a correlação entre exportações e importações parece ter

se alimentado de uma dinâmica antes não registrada no Brasil. Ambos os fluxos esboçam possível tendência de crescimento simultâneo. Acompanhando a evolução do peso do comércio externo sobre a economia nacional, até fins da década de 1990 era registrada uma tendência ascendente de participação do setor no PIB, graças ao seu grande crescimento na última década. Contudo, mesmo com a elevação do comércio externo nesses anos, como pode ser visualizado por meio do Gráfico 4, o seu peso do saldo sobre o PIB caiu desde o ano de 2009 e ainda não recuperou o valor alcançado no ano de 2008. As exportações brasileiras apresentam variação em ciclo, sua participação sobre o PIB praticamente não alterou, teve um pequeno crescimento até 2004 e depois só apresentou queda.

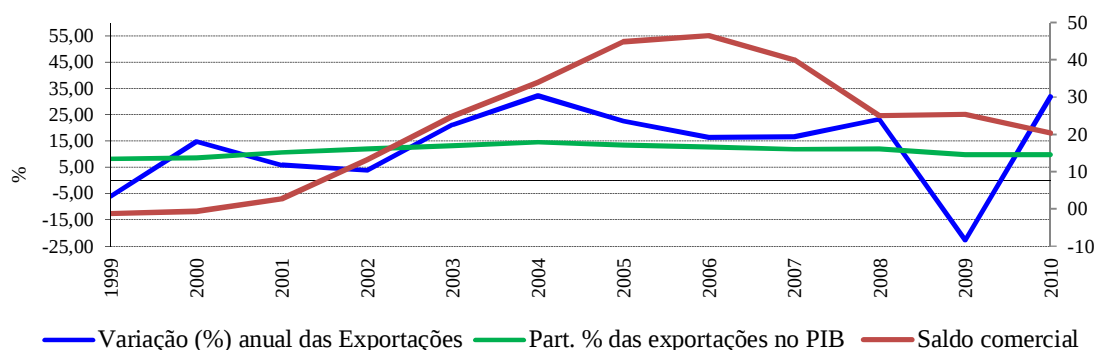


Gráfico 4 - Variação (%) anual das exportações e sua participação (%) sobre o PIB e o saldo corrente.

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do MDIC. (BRASIL, 2012a).

Essas análises serão conduzidas subsequentemente com o objetivo de avaliar a participação brasileira no comércio mundial e identificar sua importância na economia externa e interna. As próximas análises serão feitas tendo como base os dados da relação comercial brasileira com os principais países (os dez primeiros) da sua corrente de comércio, com o propósito de atender aos objetivos do trabalho.

3.2 Principais parceiros na balança de comércio

Para entender esse comportamento da balança de comércio brasileira e a sua participação sobre o PIB e a corrente de comércio mundial, é importante conhecer os principais compradores e fornecedores do Brasil, identificando a ligação comercial que esses países têm com o Brasil e suas posições e ligações comerciais em escala mundial.

Historicamente o Brasil sempre teve relações estreitas com a Europa, Estados Unidos e os países vizinhos, como Argentina e Chile; esses países normalmente são destinos de grandes volumes de produtos brasileiros. Por meio da Tabela 1, pode-se avaliar o comportamento das posições ocupadas pelos dez principais importadores de produtos brasileiros nos últimos 13 anos. O destaque é para a China que no ano de 1999 era apenas o 15º destino dos produtos brasileiros. O crescimento econômico daquele país alavancou a necessidade de importar produtos e, assim, a participação da China na balança comercial brasileira cresceu tanto, que em 2009 a China passou a ser o principal destino dos produtos nacionais.

O país que perdeu a primeira posição como parceiro mais importante do Brasil foi os EUA. A Argentina e Chile são os únicos países da América do Sul que figuram entre os dez mais importantes; o Japão ocupa posição de destaque e os cinco demais fazem parte do bloco europeu.

Tabela 1 - Posição dos principais países de destinos das exportações brasileiras

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
China	15º	12º	6º	4º	3º	4º	3º	3º	3º	3º	1º	1º	1º
EUA	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	2º	2º	2º
Argentina	2º	2º	2º	6º	2º	2º	2º	2º	2º	2º	3º	3º	3º
Países Baixos (Holanda)	3º	3º	3º	2º	4º	3º	4º	4º	4º	4º	4º	4º	4º
Japão	5º	5º	5º	7º	7º	8º	8º	8º	8º	6º	6º	6º	5º
Alemanha	4º	4º	4º	3º	5º	5º	5º	5º	5º	5º	5º	5º	6º
Itália	6º	6º	9º	9º	8º	7º	9º	9º	7º	9º	11º	9º	7º
Chile	12º	11º	12º	12º	10º	9º	7º	7º	9º	8º	16º	8º	8º
Reino Unido	8º	10º	10º	10º	9º	11º	11º	13º	15º	15º	7º	7º	9º
Espanha	10º	13º	15º	14º	13º	12º	15º	15º	13º	14º	15º	11º	10º

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do MIDC. (BRASIL, 2012a).

O mesmo crescimento da participação da China nas exportações pode ser observado também nas importações. A Tabela 2 traz a evolução das posições dos dez principais exportadores para o Brasil. Os EUA continuam sendo os principais fornecedores. Os destaques, no entanto são para a Índia, China e Nigéria. No ano de 1999 a China ocupava a 14º posição como principal origem dos produtos importados pelo Brasil. Essa posição foi

crescendo até chegar em 2007 como o 2º país a exportar para o Brasil; posição esta mantida até o ano de 2011. A Índia, por outro lado, no ano de 1999 ocupava a posição 40ª de país fornecedor chegando ao ano de 2011 como o 9ª principal fornecedor. Destaque também para a evolução da Nigéria como fornecedora, pois no ano de 2011 passou a ser o 6º fornecedor mais importante para o Brasil. Estes dados mostram a evolução da mudança das relações comerciais do Brasil.

Tabela 2 - Posição das principais origens dos importadores.

	199	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	201	201
	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1
EUA	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º
China	14º	11º	9º	7º	5º	4º	4º	3º	2º	2º	2º	2º	2º
Argentina	2º	2º	2º	2º	2º	2º	2º	2º	3º	3º	3º	3º	3º
Alemanha	3º	3º	3º	3º	3º	3º	3º	4º	4º	4º	4º	4º	4º
Coréia do Sul	9º	8º	7º	10º	11º	10º	9º	7º	9º	7º	6º	5º	5º
Nigéria	16º	20º	8º	9º	8º	5º	8º	5º	5º	6º	7º	7º	6º
Japão	5º	4º	4º	4º	4º	6º	5º	6º	6º	5º	5º	6º	7º
Itália	4º	5º	5º	5º	7º	8º	10º	10º	10º	9º	8º	8º	8º
Índia	40º	33º	22º	21º	25º	24º	17º	14º	14º	11º	14º	10º	9º
França	6º	6º	6º	6º	6º	7º	7º	9º	7º	8º	9º	9º	10º

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do MIDC. (BRASIL, 2012a).

Como pode ser observado, dos dez principais compradores nem todos se repetem na lista dos dez principais fornecedores. Somente China, Estados Unidos, Argentina, Alemanha, Japão e Itália estão presentes nas duas listas. Assim, esses países também se configuram entre os dez principais países das relações comerciais com o Brasil no ano de 2011. Países Baixos (Holanda), Coréia do Sul, França e Chile, são os outros países que fazem parte dessa lista.

A Tabela 3 apresenta a lista dos dez principais países e sua participação na corrente de comércio brasileira em 2011.

Como foi apresentado anteriormente, a China no ano de 2011 passou a figurar como o principal parceiro na corrente de comércio brasileira, tendo ultrapassado os US\$77 bilhões. Os Estados Unidos, mesmo sendo ultrapassado pela China, ainda é um país com muita influência sobre a balança comercial brasileira. A participação da China e dos Estados Unidos

somam 28,38%, evidenciando o peso que esses dois países têm sobre o comércio externo brasileiro.

Tabela 3 - Corrente de comércio brasileira com os principais países (2011)– US\$ bilhões FOB

Países	Valor	Participação %
CHINA	77,10	15,99
EUA	59,77	12,39
ARGENTINA	39,62	8,21
ALEMANHA	24,25	5,03
JAPÃO	17,34	3,6
PAISES BAIXOS (HOLANDA)	15,91	3,3
CORÉIA DO SUL	14,79	3,07
ITÁLIA	11,66	2,42
CHILE	9,99	2,07
FRANÇA	9,78	2,03

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do MDIC. (BRASIL, 2012a).

Apesar de mais da metade, 58,11%, das relações comerciais externas ser feita com os dez primeiros países, 40,19% compreende os cinco primeiros, evidenciando a concentração do mercado exterior brasileiro e o peso que esses países têm na corrente de comércio.

Entretanto, não é só na corrente de comércio brasileira que os dez países têm pesos significativos, principalmente a China, Estados Unidos, Japão, Alemanha, Itália e França, que fazem parte da lista das dez maiores economias mundiais. Esses países têm um peso econômico mundial, representando 39,5% de toda a corrente de comércio do mundo.

Desses países, destaque para os Estados Unidos e China, que juntos representam 20,58% de todo o volume comercializado no mundo; além de terem grande participação no comércio mundial eles são grandes parceiros comerciais entre si. Os Estados Unidos é o maior comprador de produtos chineses e a China é o terceiro maior comprador dos produtos americanos.

A Tabela 4 apresenta as principais origens e destinos dos produtos comercializados em 2011 pelos cinco principais países da corrente de comércio brasileira (em ordem de importância para o Brasil). Entre esses países, Estados Unidos e China são os únicos países que aparecem em todas as listas, tanto na de fornecedor, quanto na de comprador.

Pode-se observar, que apesar da importância da China e dos EUA na corrente de comércio do Brasil, o país não está dentre os cinco maiores exportadores para para nenhum

dos dois países (em 2011 o país ocupava a 9ª posição no caso da China e nem se configura entre o dez no caso dos EUA).

Tabela 4 – Principais parceiros comerciais do Brasil e seus principais fornecedores e compradores em 2011. (bilhões US\$)

	Exportação		Importação	
CHINA	USA	325,010	Japão	194,57
	China, Hong Kong	267,984	Coréia do Sul	162,72
	Japão	148,269	Outras áreas da Ásia	124,91
	Coréia do Sul	82,920	USA	123,12
	Alemanha	76,40	China (Hong Kong)	122,61
USA	Canadá	280,71	China	417,30
	México	197,54	Canadá	319,10
	China	103,88	México	265,35
	Japão	66,16	Japão	132,44
	Reino Unido	55,94	Alemanha	100,39
ARGENTINA	Brasil	17,34	Brasil	21,83
	China	6,24	China	11,63
	Chile	4,84	USA	8,21
	USA	4,30	Áreas não especificadas	4,43
	Espanha	3,08	Alemanha	3,93
ALEMANHA	França	140,67	China	112,18
	USA	103,08	Holanda	103,26
	Holanda	93,49	França	91,87
	China	90,50	USA	68,95
	Reino Unido	89,30	Itália	66,77
JAPÃO	China	162,04	China	183,88
	USA	127,67	USA	76,27
	Coréia do Sul	66,17	Austrália	56,69
	Outras áreas da Ásia	50,96	Arábia Saudita	50,56
	China, Hong Kong	42,95	Emirados Árabes	42,86

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do COMTRADE.

Observa-se ainda, dentre os cinco principais parceiros do Brasil, o mesmo só está dentre os cinco mais importantes parceiros da Argentina, cuja posição é a primeira tanto como exportador quanto importador. Ou seja, A Argentina é a terceira nação mais importante na corrente de comércio do Brasil e o Brasil é a mais importante para a Argentina.

3.3 Principais produtos na balança de comércio

Conhecido os principais destinos e origens dos produtos comercializados pela economia externa brasileira e os principais parceiros dos países destacados na corrente de comércio, torna-se importante agora conhecer os produtos comercializados entre o Brasil e esses países, e os produtos comercializados por esses países em termos mundiais.

A característica do nível tecnológico dos produtos exportados pelo Brasil entre 1999 e 2010 está apresentada no Gráfico 5 e mostra a ascensão dos produtos não industriais. Em 1999 os produtos não industriais não chegavam a 20% da exportação brasileira, em 2011 o valor da participação passou dos 30%. Se somar os produtos não industriais e a indústria de baixa tecnologia, o valor da participação ultrapassa os 60%; o que reforça o argumento que o país exporta produtos de baixo valor agregado. Portanto, o crescimento da participação dos produtos da indústria de baixo nível tecnológico representa a queda dos produtos de média e alta tecnologia, que até apresentou um crescimento no período, mas não foi maior que o crescimento dos produtos com menor tecnologia. O que pode explicar esse comportamento é o aumento das cotações internacionais das *commodities*. O Brasil está concentrando sua exportação nestes setores, em detrimento de setores de tecnologia avançada.

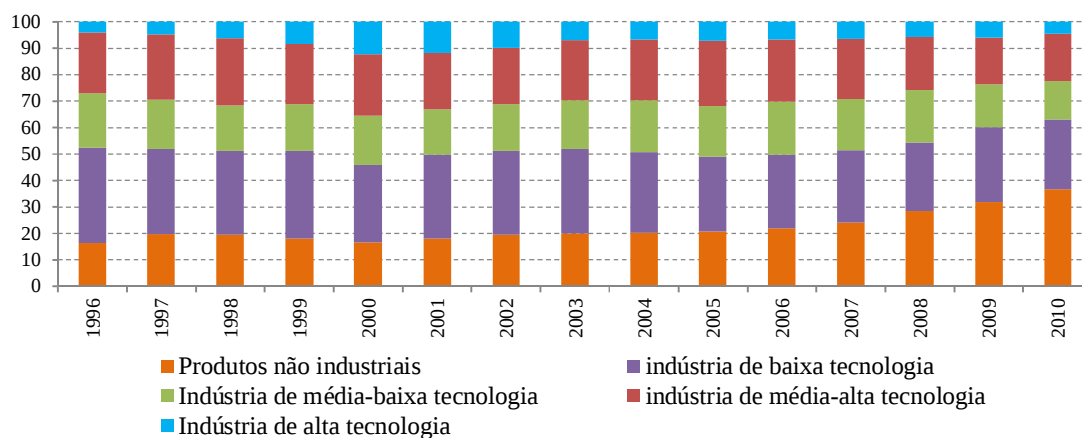


Gráfico 5 - Participação (%) na exportação por intensidade tecnológica.

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do MIDC. (BRASIL, 2012a).

O Gráfico 6 mostra que nas importações o cenário é exatamente o oposto, com crescente predomínio dos setores de tecnologia avançada - as indústrias de média-alta e alta tecnologia representam mais de 60% da importação brasileira. Se comparar a importação de

1999 e 2011 não se encontra grandes mudanças, o predomínio da importação da indústria de média-alta tecnologia é presente em todo o período analisado.

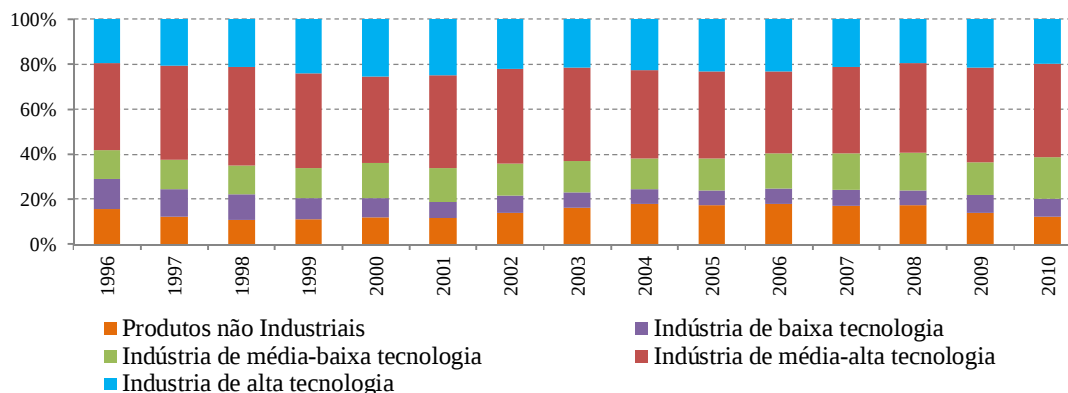


Gráfico 6- Participação (%) na importação por intensidade tecnológica.

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do MIDC. (BRASIL, 2012a).

Os dados levantados corroboram com o já apresentado pelas Nações Unidas (2011), segundo a qual, a maior parte das exportações brasileiras é de produtos menos elaborados (alimentos, bebidas, tabaco e matéria prima) e a maior parte da importação é de produtos mais elaborados (máquinas e equipamentos de transporte, produtos elétricos e produtos químicos), com maior valor agregado.

Considerando os principais produtos exportados pelo Brasil tendo como destino os seus principais parceiros comerciais nos anos de 1999 e 2011, os dados mostram que no período houve concentração da exportação dos produtos de todos os parceiros do Brasil, mas a variação desta concentração foi relativamente mais alta para a China e Japão.

No caso da China, os cinco produtos mais exportados representaram 72,32% do total no ano de 1999, passando para 85,96% em 2011. Além disso, ainda, que com exceção da “cana de açúcar em bruto” (que ocupou a posição de “fumo em folhas e desperdícios”), os demais produtos foram os mesmos, havendo apenas uma troca de posição do terceiro produto mais exportado. Ressaltando-se ainda, que todos os produtos são matérias primas básicas.

No caso do Japão, os cinco produtos mais exportados representaram 58,31% do total no ano de 1999, passando para 76,79% em 2011, uma variação de 18 pontos percentuais. Da mesma maneira que para a China, a maior concentração está na matéria prima “minério de ferro”, que passou de 19,34% em 1999 para 46,53% em 2011. O minério de ferro ocupa papel de destaque também nas exportações para a Alemanha.

O mais interessante deste cenário é que apesar do Brasil estar entre os maiores e melhores produtores de minério de ferro do mundo (minério com maior teor de ferro contido),

no ranking da Associação Mundial de Aço, em 2010, o Brasil ocupou apenas a 9ª colocação na exportação desse produto, perdendo para China (1ª colocada) e sucessivamente, Japão, EUA, Índia, Rússia, Coreia do Sul, Alemanha e Ucrânia.

Considerando conjuntamente os parceiros EUA e Alemanha, a pauta de exportação é consideravelmente menos concentrada, mas observou-se ainda a predominância de matéria prima. No caso dos EUA, em 1999 “Aviões” detinha a primeira posição, mas perdeu espaço para os demais produtos, passando a ocupar a sexta posição no ano de 2011.

No caso da Argentina, mesmo a concentração da exportação em cinco produtos ter crescido praticamente 16 pontos percentuais, é para este parceiro que o Brasil exporta produtos mais elaborados quando comparado com os demais. Automóveis de passageiros foi o produto mais exportado para Argentina em 2011, sendo que o complexo de automóveis teve a maior participação na exportação destinada para Argentina tanto em 1999 quanto 2011. Contudo, minério de ferro e seus concentrados é o terceiro produto mais importado pela Argentina, isso reforça a presença desse produto nas exportações do Brasil.

O cenário muda completamente quando analisamos a pauta de exportação da China, EUA, Alemanha e Japão tendo como destino o Brasil.

Nos dois anos (1999 e 2011), grande parte dos produtos importados da China foi componentes eletrônicos e máquinas e equipamentos. Produtos laminados planos de ferro ou aço também foram importados pelo Brasil. Ou seja, minério de ferro é o produto que o Brasil mais exporta para a China e importa lâminas de ferro e aço daquele país.

Medicamentos, combustíveis e componentes para avião são produtos com maior participação nas importações provenientes dos Estados Unidos, diferente dos produtos exportados para esse país, que tem as *commodities* como os principais produtos exportados. É interessante ressaltar, que no ano de 2011 o principal produto exportado para os EUA foi óleo bruto de petróleo e no mesmo ano o principal produto importado dos EUA foi óleo combustível.

A relação de importação de produtos Argentinos é um pouco diferente dos outros países, o Brasil importa principalmente automóveis, peças para veículos e trigo. Alemanha e Japão também são grandes vendedores de automóveis para o Brasil. A pauta de importação proveniente desses países não muda muito comparando 1999 e 2011; componentes eletrônicos e medicamentos foram os produtos mais importados do Japão e o automóvel e seus componentes tiveram grande participação nos produtos provenientes da Alemanha.

Fica evidente o crescimento dos produtos primários e intensivos em recursos naturais na pauta de exportação brasileira, assim como, a redução na diversificação das exportações

nacionais, mantendo constantes e de pouca expressão os fluxos de comércio brasileiro, especialmente comparando com a importância da dinâmica das compras dos Estados Unidos e Europa e particularmente da China.

O Gráfico 7 traz as exportações de produtos de alta tecnologia, que são produtos com intensidade de P&D, como aeroespacial, computadores, produtos farmacêuticos, instrumentos científicos e máquinas elétricas. Comparado com outros países, o valor das exportações brasileiras de produtos de alta tecnologia é bem inferior; tendo representado aproximadamente, 7% do valor das exportações japonesas. O valor das exportações de alta tecnologia da China em 2010 foi mais que o dobro do valor de toda a exportação brasileira no mesmo ano, que foi de 201,9 bilhões de dólares.

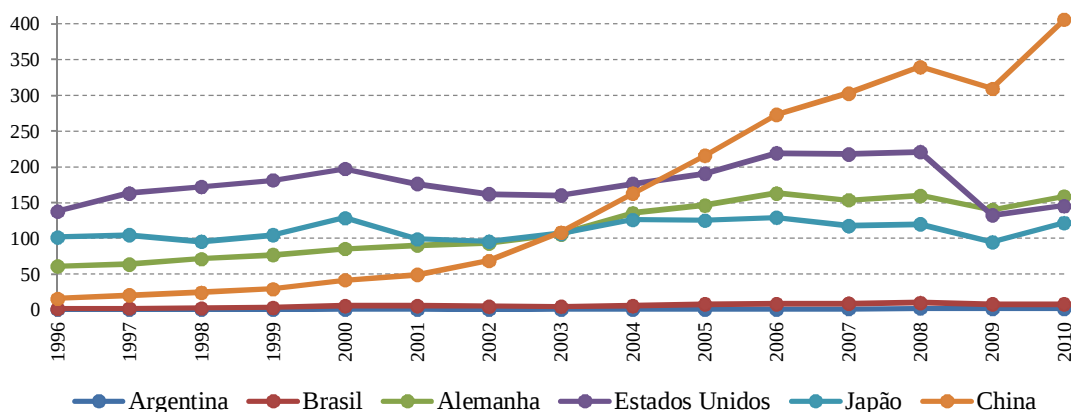


Gráfico 7 - Exportação de produtos com alta tecnologia - US\$ bilhões

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do Banco Mundial (2012)

De modo geral, o país exporta *commodities* e importa produtos de média-alta e alta tecnologia. A análise feita até aqui é corroborada pelo trabalho de Magalhães (2009). Neste trabalho o autor avalia que se essa tendência atual não for contida, o Brasil se transformará em grande produtor e exportador especializado em *commodities* primárias e industriais, setores de baixa produtividade por trabalhador. Isto significa a perpetuação do desemprego qualitativo, quando o trabalho está sendo ocupado em um nível de produtividade inferior à possibilidade pela mais moderna tecnologia disponível.

3.4 Termos de troca

A entrada no mercado internacional das economias emergentes asiáticas, de recursos naturais escassos, tornou permanente o aumento no preço das *commodities*, com a

consequente elevação no seu valor adicionado. A alta nos preços das *commodities* agrícolas e industriais desde 2003 colaboraram para o crescimento das exportações brasileiras, assim como a de outros países. Dessa maneira, o país concentrou sua produção nas *commodities*, o que fez aumentar sua participação nas exportações brasileiras. Por meio do Gráfico 8, observa-se que mesmo com a crise financeira, a tendência de crescimento continuou, sendo que em 2011 o índice de preço das *commodities* ultrapassou os 135. Em 2012 esse valor vem se mantendo.

Outro fator que colaborou com aumento das *commodities* na pauta de exportação brasileira foi a valorização da moeda nacional. Com a moeda sobrevalorizada, na medida em que dificulta a exportação, oferece condições para o predomínio, nas vendas externas, de setores em que o país tem vantagens comparativas naturais. Estes são os setores intensivos de recursos naturais. Em outros setores nos quais o país é menos competitivo, a sobrevalorização tem maior impacto negativo.

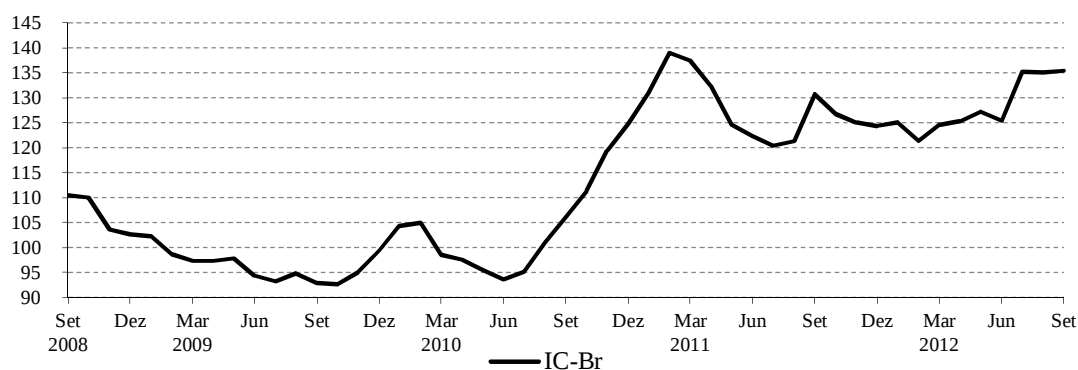


Gráfico 8 - Índice de preço de *commodities**.

Fonte: Bacen (2012)

*Base Dez/2005 = 100

Comparando os índices de preços da exportação e importação, pode-se observar que nos últimos anos o índice de preço das exportações foram maiores que o índice da importação. A alta no preço das *commodities* pode ter sido um fator determinante para esse comportamento. O índice de termos de troca, que é a razão entre os índices de preço das exportações e os índices de preço das importações, teve um salto considerável em 2009, acompanhando o aumento dos preços da exportação. Como pode ser observado por meio do Gráfico 9, o preço das exportações e importações começou a subir em 2003, no mesmo momento que começou a subir o preço das *commodities*. Em 2009 houve uma queda nos dois índices, mas nos anos seguintes, como mostra o Gráfico 9, puxado pelos preços das

commodities, o índice de exportação volta a crescer rapidamente. Assim, ajuda a crescer o índice do termo de troca, que durante 1996 a 2009, permaneceu praticamente com os mesmos valores.

Por outro lado, mesmo com o aumento dos preços das *commodities* o saldo comercial com alguns dos principais países é negativo. Destaque para os Estados Unidos - em 2006 o saldo comercial com este país ultrapassava os US\$9.000,00 milhões, em 2011 o saldo ficou próximo dos US\$9.000,00 milhões negativo.

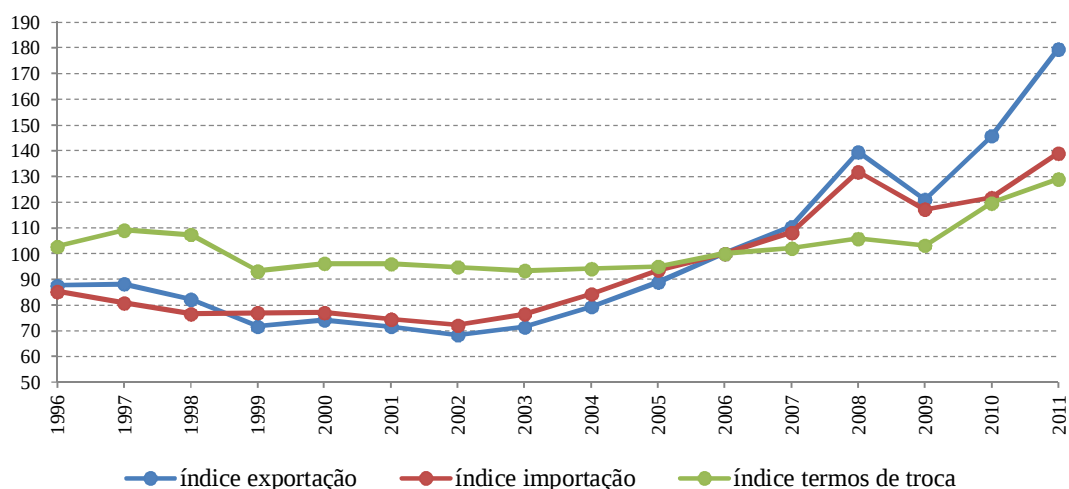


Gráfico 9 - Índices de preços das exportações, importações e termo de troca.

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do MIDC. (BRASIL, 2012a).

*Base (média) 2006 = 100

O saldo com a China sofreu uma queda e vem se recuperando nos últimos anos, acontecendo o mesmo com Japão e Argentina. Com a Alemanha a balança comercial sempre foi negativa. O interessante é que o Brasil tem saldo positivo com os países cuja pauta de exportação é menos diversificada. Ou seja, com os países que compram quantidades elevadas de *commodities* brasileiras. Ou o saldo é positivo, quando a comercialização se caracteriza como intraindústria, como é o caso da Argentina.

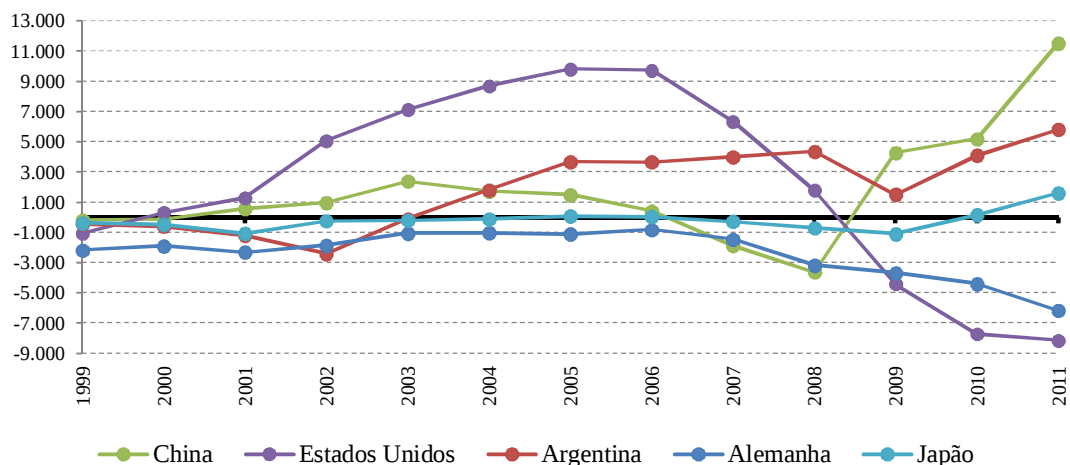


Gráfico 10 - Saldo na balança comercial por país - US\$ milhões

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do MIDC. (BRASIL, 2012a).

Para comparar o valor do principal produto exportado, minério de ferro e seus concentrados, que representou 16,33% do total exportado pelo Brasil no ano de 2011, comparou-se o valor do peso dos principais produtos importados de cada país (os dez principais parceiros). Para chegar ao valor de uma (1) tonelada de aparelhos receptadores importados da China, o país teve que exportar 129,55 toneladas de minério de ferro e seus concentrados. Para importar uma tonelada de eletrogeradores para motor a diesel importado da Itália, o Brasil teve que exportar 117,76 toneladas de minério de ferro. Para todos os produtos o Brasil precisa exportar muito mais que o valor proporcional ao peso do produto importado, como mostra o Gráfico 11.

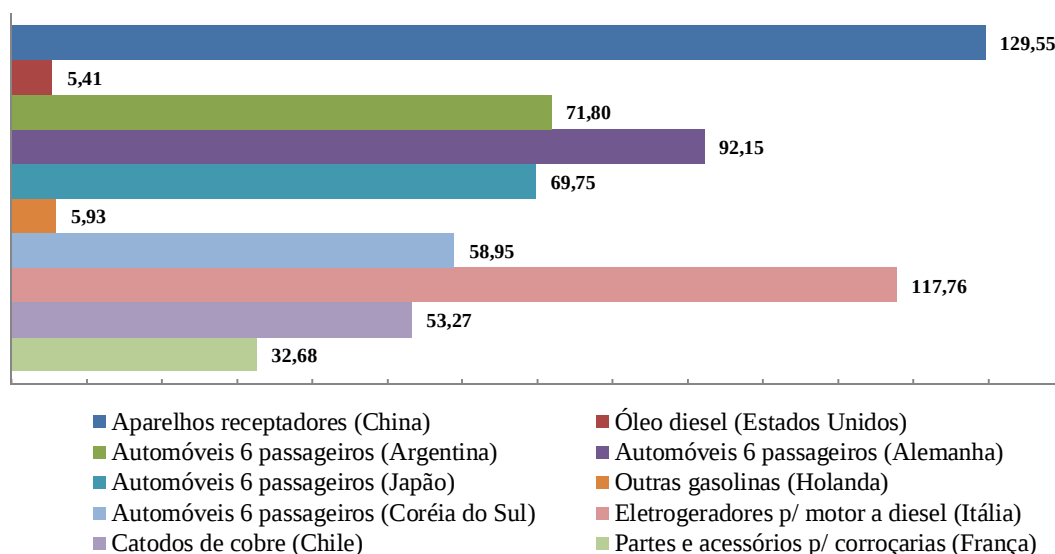


GRÁFICO 11 - Proporção em (t) do principal produto exportado (minério de ferro) e importado.

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do MIDC. (BRASIL, 2012a).

Além de produtos primários exportados pelo Brasil exigir elevadas quantidades para garantir divisas, esses têm baixo valor adicional por trabalho. Ou seja, seu efeito multiplicador menor, quando comparado com produtos de alto valor agregado. E ainda, os produtos primários tendem a ter uma elasticidade-renda inferior à dos produtos manufaturados. Em outras palavras, o consumo de produtos primários tem uma taxa de expansão inferior à dos produtos manufaturados. Para que os trabalhadores de um país subdesenvolvido atinjam o nível de produtividade das economias maduras é necessário que sua economia tenha parcela adequada de setores de alto valor adicionado por trabalhador. E ainda, produtos primários geralmente têm comportamento mais voláteis no seu preço do que outros produtos.

Contudo, em fases mais avançadas do desenvolvimento, tecnologias de ponta fazem-se necessárias para proporcionar competitividade à produção nacional, o problema é que não se encontra disponíveis no mercado externo. Neste caso, a tecnologia deve ser gerada internamente. Assim, o investimento em capital humano é uma parte essencial da criação de riqueza.

Apesar de ter crescido nos últimos dez anos, os investimentos públicos na educação no país ainda está longe de alcançar os padrões internacionais. Os investimentos públicos em 2010 representaram 5,81% do Produto Interno Bruto. De acordo com o Plano Nacional de Educação, o padrão internacional, que é de 7%, será alcançado em 2020. O Gráfico 12 mostra

a evolução do percentual do PIB que é investido em educação. Contudo, o país está distante do padrão internacional.

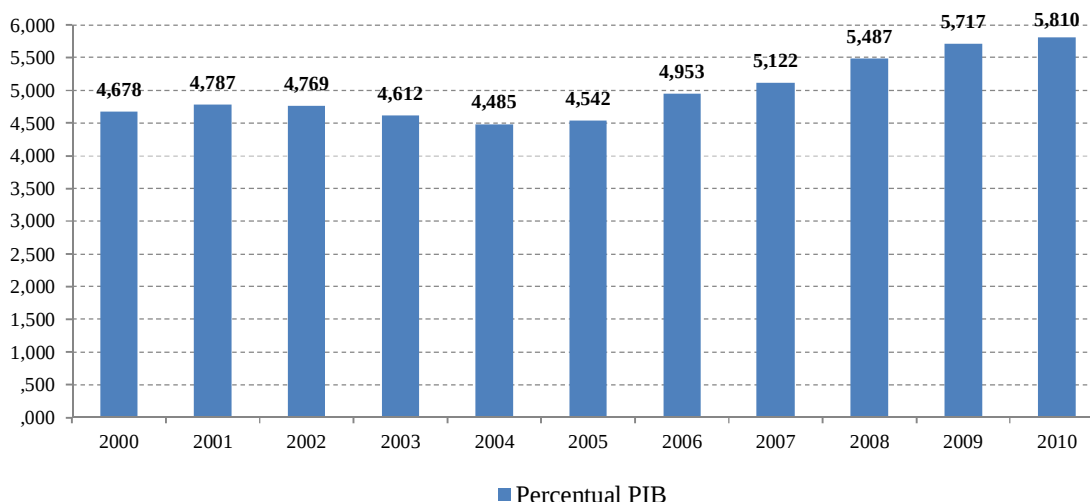


GRÁFICO 12 - Percentual do investimento público total em educação em relação ao PIB (%)

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados do INEP. (BRASIL, 2012e).

Por fim, as análises reforçam a tese que o país caminha para uma especialização em *commodities* agrícolas e industriais, e ainda um importador de produtos com médio-alto e alto nível de tecnologia, reforçando a deterioração dos termos de troca brasileiro, que está sendo impedido pelo crescimento no preço das *commodities*. Contudo, para o país alcançar o desenvolvimento das economias maduras, o país precisa especializar sua mão de obra e elevar o nível de tecnologia da sua base de exportação e produção nacional. Magalhães (2009) sugere em seu trabalho que o país não precisa escolher entre bens tecnologicamente refinados e *commodities*. É possível investir ao mesmo tempo em *commodities* e produtos de tecnologia avançada. Isso porque, garantindo mercado para os produtos primários, a poupança necessária para investimento surgirá endogenamente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo do trabalho foi avaliar, com base no padrão externo brasileiro, as características do comércio externo do Brasil, identificando seus principais parceiros comerciais, quais são os produtos comercializados com esses países e qual o comportamento do termo de troca dos produtos comercializados pelo país.

Os resultados revelaram que quase metade de toda a corrente de comércio do país é feita com os cinco principais países da balança comercial brasileira e, que somente os Estados Unidos e a China representam 28,38% de toda a corrente de comércio do Brasil. Os mesmos países que têm fortes ligações com o comércio externo nacional têm com o mundo todo. A participação da China, Estados Unidos, Japão, Alemanha, Itália e França, países que estão no grupo das dez maiores economias mundiais, representam 39,5% de toda a corrente de comércio mundial. Isso mostra não só a importância desses países para o comércio nacional em particular, mas para o comércio mundial como um todo.

Ao comparar o preço dos produtos importados e exportados pelo Brasil e o termo de troca com os países selecionados verifica-se que a alta nos preços internacionais das *commodities* agrícolas e industriais desde 2003 colaboraram para o crescimento da concentração da produção nas *commodities* agrícolas e industriais. O índice de termo de troca cresceu acompanhando a evolução do índice de preço da exportação, que subiu por conta do aumento dos preços das *commodities*. Contudo, mesmo com aumento dos preços das *commodities*, quando a análise é separada por país, o Brasil apresenta saldos negativos na balança comercial, principalmente com os países em que a pauta de exportação é mais diversificada.

Se essa tendência atual não for contida, o Brasil se transformará em grande produtor e exportador especializado em *commodities* primárias e industrial. Ou estará condenado à situação permanente de desemprego qualitativo, cuja a eliminação depende de se obterem níveis de produtividade não inferiores aos dos atuais países desenvolvidos. Ou seja, a mudança dessa realidade só será possível com investimento em capital humano, por meio de maiores e melhores investimentos em educação, de tal maneira que a geração e distribuição da riqueza passe pela capacidade de absorção de novas tecnologias.

Mesmo o país registrando recordes na corrente de comércio, sua participação na corrente de comércio mundial ainda é modesta. Entre as dez maiores economias mundiais o Brasil é o país que tem a menor participação na soma de todas as correntes de comércio dos países.

Finalmente, faz-se necessário uma análise mais aprofundada dos efeitos da exploração dos recursos naturais, principalmente a de minério de ferro, sobre a sustentabilidade dos recursos naturais do Brasil, pois sabe-se que o efeito multiplicador na economia da exportação de produtos primários, basicamente matéria prima para a indústria, é consideravelmente menor que a agregação de valor a esta matéria prima. Por meio da análise dos termos de troca pode-se inferir que é necessária uma política interna que dê suporte à inovação tecnológica e

investimento produtivo na formação de capital humano que possibilite às empresas maior investimento em tecnologia. Os resultados deste trabalho traz à indagação de qual a vantagem para o Brasil, no médio e longo prazo, de ser apenas o “celeiro do mundo” e o maior fornecedor de matéria prima industrial. Acredita-se que este trabalho vem possibilitar o incentivo ao aprofundamento desta importante questão para o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRAL, W. **Cenário das exportações de manufaturas**. MDIC-Secex, 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Secretaria do Comércio Exterior (SECEX): **Balança comercial brasileira: mensal**. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br> Acesso em: 28 de maio 2012a.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Radar comercial: Análises de mercados e produtos**. Disponível em: <http://www.radarcomercial.mdic.gov.br> . Acesso em várias datas 2012b.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet – ALICEweb**. Disponível em: <http://aliceweb2.mdic.gov.br> .Acesso em: 28 de maio 2012c.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Secretaria do Comércio Exterior (SECEX): **Sistema harmonização**. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br> Acesso em: 28 de maio 2012d.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacionais e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br> . Acesso em: 29 de setembro 2012e.

GREMAUD, A. P.; JÚNIOR, R. T.; VASCONCELLOS, M. A. S. **Economia brasileira contemporânea**. São Paulo, SP: Atlas, 2010

ISTAKE, M. **Comércio externo e interno do Brasil e das suas macrorregiões**: um teste do teorema de Heckscher-Ohlin. 2003. 145p: Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba.

MAGALHÃES, J. P. A.; Macroeconomia do emprego. In: JÚNIOR, J. C. C (Org). **Desafios ao desenvolvimento brasileiro**: contribuições do conselho de orientação do IPEA. Brasília: IPEA, 2009. p. 50-75

MARTA, D.; FREITAS, R. E. **Produtos agropecuários**: para quem exportar?. Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba, v.46, n. 2, p. 257-290, abr/jun 2008.

NEVES, A. C. P.; LÉLIS, M. T. C. **Exportações estaduais no Brasil**: estimativas para as elasticidades preço e renda. Revista de Economia Política, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 301-319, abr/jun 2007.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Directorate for Science, Technology and Industry. **STANIndicators**. Disponível em: <http://www.oecd.org> Acesso em: 29 de maio 2012.

PREBISCH, R. **O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas**. Revista Brasileira de Economia, 54-9, set. 1949.

UNITED NATIONS. **United Nations Commodity Trade Statistics Database – UN COMTRADE**. Disponível em: <http://comtrade.un.org/db> .Acesso em várias datas.

NOTAS

¹ Economista CORECON-PR/8.093 - Consultor de Empresa. E-mail: marcelo.onorio@hotmail.com.

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Doutora em Economia Aplicada pela Esalq/USP. Professora Associada do Curso de Ciências Econômicas da Unioeste e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Economia Aplicada - GPEA, Campus de Cascavel. Endereço profissional: Rua Universitária, 2069 – jardim Universitário – Cx. Postal 000711, cep: 85819-110, Cascavel Paraná. E-mail: maria.araujo@unioeste.br.